



ONDE ESTÃO AS LÁGRIMAS DE CAROLINA?
A OBJETIFICAÇÃO DA MULHER PRETA A PARTIR DA OBRA DE CAROLINA MARIA DE
JESUS

Viviane Penha Prado dos Santos
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, vppts@ufrj.br

Propósito

Embora o título de “favelada” tenha sido extremamente explorado e vinculado a imagem de Carolina Maria de Jesus, a grandiosidade de sua personalidade e de sua obra superaram as limitações impostas pela condição de moradora de favela. Atualmente a autora do sucesso internacional “Quarto de despejo, diário de uma favelada” (2014) ainda é estudada e inspira mulheres pretas a seguirem em busca de seus objetivos com coragem e determinação. Na academia, a multicultural Carolina fomenta debates e pesquisas sobre a objetificação e a invisibilidade imposta a mulheres pretas semelhantes a ela. Forjada pela luta diária e silenciada por um sistema injusto socialmente, que não apresenta propostas de políticas públicas que amenizem a luta por sobrevivência das classes mais vulneráveis financeiramente, Carolina sempre deu voz e escrita as críticas que tecia aos governantes da época e até mesmo aos seus pares, como é possível ler em seus registros diários que originaram seu livro mais famoso. Com sua escrita peculiar, que denuncia a sua breve passagem pela escola formal, a autora estudou ao que hoje equivale ao segundo ano do ensino básico, e com sua visão de mundo grandiosa ela registrou a vontade de publicar suas poesias e contos, embora tenha sido induzida a dar continuidade aos registros de seus dias já em ‘Casa de Alvenaria’ volume 1 e 2 (2021).

A inquietação que motivou essa pesquisa surgiu após a leitura atenta aos estados emocionais relatados por Carolina. Na primeira obra é possível encontrá-la triste, nervosa, constantemente com fome, depressiva, com vontade de chorar, mas nunca chorando de fato. Aqui é necessário pontuar que o choro investigado é o orgânico, o derramar de lágrimas impulsionado por emoções ou dores que alivia o estado inicial. A mulher que mantinha uma imagem de força e audácia, não registrou um momento de autocuidado e acolhimento as suas dores. A análise de sua obra com esse olhar, tem como objetivo buscar possíveis apontamentos sobre a condição de objetificação que é demandada as mulheres pretas desde a época da escravização, onde a nós era imposta uma rotina desumana, violenta e cruel que punia com castigos físicos qualquer tipo de reação contrária ao crime cometido pelo colonizador. Ao ampliar a investigação para as obras seguintes, em que temos uma melhora na condição social e material a partir do sucesso de vendas de Quarto de despejo, é possível encontrar uma Carolina ainda nervosa, atormentada pelas novas vivências sociais, por vezes feliz e alegre, porém novamente há a ausência do derramar de lágrimas. É correto afirmar que em algumas passagens a intenção do choro é descrita, porém nunca concretizada de forma orgânica. Seguindo com a pesquisa é possível refletir sobre o quanto o não cuidado com a saúde mental da autora contribuiu para o seu adoecimento e morte precoce. Dialogando com bell hooks em Irmãs do Inhamo (2023), que apresenta a autorrecuperação como processo de cura para as violências sofridas pelas mulheres pretas, o ato de chorar e acolher as dores é apresentado como ferramenta de cura capaz de proporcionar um bem-estar emocional positivo.

Revisão da literatura

A obra de Carolina é objeto de estudo no mundo inteiro e gera pesquisas sobre sua marca no mundo literário, a importância das suas denúncias, a relevância do seu gênero literário e o caráter atemporal que seus livros possuem. A sua intrigante forma de escrita, seu vocabulário peculiar gera debates sobre a importância de aceitar novos e diferentes saberes na academia. Seria Carolina uma pesquisadora social, que ao relatar diariamente o cotidiano urbano, merece o título de socióloga? A busca por trabalhos que se debruçaram sobre a obra da autora negra, sinalizou uma ausência de reflexões sobre o cuidado com a saúde mental da mulher, mãe e cidadã. Em sua obra é latente o cuidado com seus filhos e com as infâncias que a rodeiam, sugerindo uma postura de educadora infantil devido a sua preocupação com o futuro dos seus filhos e das crianças que atravessam seu caminho. Vera Lúcia, sua filha, relata que em sua carta pós morte Carolina manifesta o desejo de ter uma filha professora. Da mesma forma que é possível encontrar registros do desejo da mãe da autora que sua filha se tornasse uma docente.

A lacuna percebida nos estudos é justamente a ausência de reflexões sobre a mulher Carolina sob o olhar da censura ou silenciamento de suas emoções. Quem acolhia a mulher preta, mãe solo e única provedora de seu lar? Sob qual peso a mulher optava por deixar seus filhos em casa para autografar seus livros e voltar preocupada com o jantar? Diante dessas interrogativas, o presente trabalho também foi desenvolvido sob a luz de observações feita por Conceição Evaristo, escritora e linguista cunhadora do termo “Escrevivência”, que pontua a necessidade de desvencilhar a imagem de Carolina da mulher descrita em Quarto de despejo. Para Conceição a fome citada não era somente a física e sim a de “compreensão de vida, que no caso dela, passava pela experiência da solidão.”

Procedimentos metodológicos

O percurso metodológico adotado para esse trabalho passa por análises e reflexões sobre o impacto da objetificação e silenciamento das mulheres pretas potentes e intelectuais como Carolina Maria de Jesus a partir de suas obras, “Quarto de despejo, diário de uma favelada” (2014), “Casa de alvenaria, volume 1: Osasco (2021) e ‘Casa de alvenaria, volume 2: Santana” (2021) e a evidenciação do impacto atemporal do racismo atravessado por questões apresentadas por Lélia Gonzalez, bell hooks e Cida Bento. A escrita de Carolina preservada em sua obra se aproxima do pretuguês de Gonzalez, termo cunhado para explicar a influência do idioma africano na formação cultural do país e conseqüentemente estendida a escrita e fala decoloniais, e pode ser utilizado para exemplificar a formação de duras críticas a obra de Carolina como não literatura. A liberdade almejada pela autora estudada é um aspecto abordado e defendido por hooks e traz a reflexão sobre o lugar de inferioridade que a sociedade patriarcal e machista opta em colocar a mulher, intensificado pelo apagamento para as negras. O suporte teórico será embasado nos dados de pesquisas realizados Ipea e pelo Atlas da violência que apontam a mulher negra como base da pirâmide social, o grupo que mais sofre violência física e doméstica e o que tem menor acesso aos serviços públicos de saúde, inclusive aos relacionados a saúde mental.

Resultados

A análise das obras de Carolina leva a reflexão de que as lágrimas que não caíram foram transformadas em palavras. A autora chorava sempre que acordava às três, quatro ou cinco da manhã para escrever. Assim como muitas de nós que escrevem sangrando, que precisam subverter a lógica que nos é imposta para conquistar a permanência na academia, a autora traduzida em aproximadamente 14 idiomas, transbordava para não sufocar.

Seus diários são fontes de denúncia, força, desejos e anseios de uma mulher consciente de que é necessário expor o mecanismo que insiste em nos matar em vida, o racismo. Porém trago como resultado as lágrimas escritas de outra representante que não se cala, “eles combinaram de nos matar, nós combinamos de não morrer” (Conceição Evaristo).

Baseado em seu desaguar através da escrita, principalmente em “Quarto de despejo”, é inquietante perceber que em ainda em dias atuais há de se ter um olhar mais cuidadoso para a vida das mulheres pretas que adentram espaços acadêmicos que perpetuam a invisibilidade desse grupo social.

Implicações da pesquisa

É pertinente pensar em ações ou mecanismos que garantam a humanização da mulher preta intelectual. Carolina Maria de Jesus sofria e morreu de asma e numa comparação psicossomática podemos dizer que morreu sufocada por coisas que não pôde dizer. Quantas de nós somos impedidas de realizar o que desejamos por carregarmos a responsabilidade da maternidade e a culpa de priorizarmos outro papel social que temos? Quantas de nós renuncia a acolhimento e autocuidado para executar os comandos impostos por regras sociais machistas e patriarcais? Diante dessas reflexões, a presente pesquisa intensifica a ideia de que é preciso repensar sobre a invisibilidade e silenciamento impostos às mulheres que vão em busca de uma sociedade mais justa e equânime, onde se garante o direito de extravasamento de emoções e ideias igualitárias e mais humanas para todos.

REFERÊNCIAS

- Bento, Cida. (2022). O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras.
- Evaristo, Conceição (2016). Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas.
- Hooks, bell. (2023). Irmãs do Inhame mulheres negras e autorrecuperação. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- IPEA- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Dados. Brasília: Ipea; IBGE, 2022.
- Jesus, Carolina Maria de. (2014). Quarto de despejo, diário de uma favelada. São Paulo: Ática.
- Jesus, Carolina Maria de. (2021). Casa de alvenaria, volume 1: Osasco. São Paulo. Companhia das Letras.
- Jesus, Carolina Maria de. (2021). Casa de alvenaria, volume 2: Santana. São Paulo. Companhia das letras.